

**PRODUÇÃO DE TEXTO E ALFABETIZAÇÃO:  
CONSTRUÇÃO DE PEQUENOS AUTORES.  
UMA PRÁTICA DO COLÉGIO  
BRIGADEIRO NEWTON BRAGA**

*Ana Paula Cavalcante Lira do Nascimento* (UNIGRANRIO)

[apcln@ig.com.br](mailto:apcln@ig.com.br)

*Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima* (UNIGRANRIO)

[jpineiro@unigranrio.com.br](mailto:jpineiro@unigranrio.com.br)

Iniciemos este artigo com uma reflexão sobre o que é o TEXTO. O texto é uma capacidade de escrita ou da fala? Tomaremos aqui a definição de texto como um meio sociocomunicativo. Sua intenção é comunicar algo a alguém. Koch & Elias afirmam que o texto ganha existência dentro de um processo interacional, sendo coprodução entre interlocutores (2009, p. 13). Para os autores um texto não é apenas algo escrito, como também pode ser algo falado. Para Marcuschi “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum tipológico* das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. (KOCH & ELIAS, 2009, p. 14). Fala e escrita tem suas particularidades, mas se complementam e desempenham funções sociais. O trabalho de Bakhtin não apenas nos confirma que a linguagem é a peça-chave da relação interpessoal como também se deve colocar em prática a produção de textos nas diferentes situações de comunicação. O autor considera “o discurso uma prática social e uma forma de interação”. Então, a relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de quem o produz passam a ser peças-chave. Também Vygostky nos aponta o caminho da interação social como base de aprendizagem do ser humano. Lidar com uma clientela de 6-7 anos numa classe de alfabetização nos mostra bem isso. Essas crianças são comunicativas. O tempo inteiro buscam a expressão de seus pensamentos, sentimentos e histórias. Sua base é extremamente oral. Seus textos são orais. O contato com outros textos dá-se através das conversas com os pares. Isso lhes traz prazer: conversar, ouvir histórias, dramatizar peças teatrais de histórias ouvidas ou criadas. No entanto, ao aproximarem-se da codificação e decodificação da língua materna percebem que esse prazer, quase que espontâneo da produção textual, começa a ficar um pouco mais complicado. Nem tudo o que se fala pode ser escrito da mesma maneira. Marcas da oralidade são transformadas na escrita pois as regras do falar são diferentes (mas não menos importante) das

regras do escrever. Além disso, não basta apenas codificar e decodificar, ainda é preciso usar tais conhecimentos em uma sociedade leitora (o letramento). E o prazer? Como mantê-lo se agora existe uma exigência maior de seguimento de regras ortográficas, de coerência e coesão, de uso de conectivos, de conhecimento de diversos suportes e intenções de escrita etc. e etc.? Nesse momento, inicia-se um processo aquisitivo de uma nova competência: ser capaz de comunicar-se através da escrita. Usar a escrita como meio ou canal de transmissão de ideias e intenções de comunicação. O trabalho de produção de texto está referenciado nas orientações dos *Parâmetros curriculares nacionais*. Os PCN organizam os conteúdos em torno de três eixos linguagem oral, escrita e análise escrita. Ou seja, a linguagem oral é o caminho para a análise e produção escrita. Além disso, são objetivos do ensino da língua portuguesa que os alunos, ao final do ensino fundamental: "...adquiram uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a capacidade plena no mundo letrado". (PCN, 1997, p. 41)

A capacidade de produzir textos, seja de forma oral ou escrita, é ligada ao próprio direito de exercício da cidadania visto que o aluno só pode ser considerado um cidadão quando desenvolve plenamente sua participação social através da compreensão e da produção de textos orais e escritos. Vivemos em uma sociedade letrada e a criança está inserida nesse meio. Crianças de 5, 6, 7 anos já estão em contato com a escrita muito antes de entrarem na escola. Mas, será que para produzir textos é preciso antes saber decodificar um código? Como são capazes de produzir textos os alunos que não dominam a leitura e a escrita? Muitas vezes o professor alfabetizador se questiona se a competência de escrita necessita ser precedida pela competência da leitura. É claro que leitura e escrita caminham juntas, porém, são processos distintos. Como alfabetização, compreendemos não apenas um processo de codificação/decodificação. Hoje, alfabetizar é mais do que um processo mecânico, é a capacidade de estar inserido em um mundo letrado e ser capaz de comunicar-se nele e com ele. Segundo Bozza, a escrita é uma representação de segunda ordem, ou seja, "a linguagem escrita é a representação de outra representação, isto é, a escrita representa a fala, que por sua vez já é a representação do mundo físico e das ideias". A autora acrescenta ainda que temos, enquanto educadores, insistir na ideia de representação já nos primeiros anos de escolaridade. Delia Lerner também incentiva o professor alfabetizador a propor situações de produção de texto, inicialmente de forma oral com o professor exercendo a função de escriba. Embora pareça uma ati-

vidade de menor valia, é a partir dessa vivência que as descobertas das características da língua escrita são feitas. Lerner (2002) afirma que ao produzir textos com o auxílio de um escriba a criança já se familiariza com o ato de escrita, embora não escreva convencionalmente. Também Ferreiro afirma que nenhuma criança, em nenhum lugar no mundo, espera pela professora para produzir conhecimentos. Seja esse conhecimento voltado para a leitura ou mesmo para a escrita. A escritora argentina afirma que

Desde que nascem são construtoras de conhecimento. No esforço de compreenderem o mundo que as rodeia, levantam problemas muito difíceis e abstratos e tratam, por si próprias, de descobrir respostas para eles. Estão construindo objetos complexos de conhecimento e o sistema de escrita é um deles. (2000, p. 65)

Muitas vezes o professor alfabetizador não vê sentido em produzir textos coletivos, como se esse trabalho não fosse um campo fértil de reflexão sobre a escrita. Ser escriba mostra-se como algo sem importância, como alguém que apenas transcreve para o suporte de papel as ideias da fala dos alunos. Nada mais equivocado. Para Bozza, ao trabalhar com a produção coletiva de textos, o professor alfabetizador pode fazer com que seus alunos avancem em suas hipóteses de escrita, independente do nível em que se encontra no processo. Ou seja, não é preciso aguardar para que o aluno seja capaz de ler para que possa escrever. É através da escrita coletiva que os alunos crescem nas suas hipóteses de leitura e vão se familiarizando cada vez mais com esse novo código que exprime as ideias dos quais são portadores. Ela afirma que

essa prática é reconhecidamente um dos suportes que mais poderiam fazer os alunos avançarem em suas hipóteses de escrita, independente do nível que se encontrem... pois são envolvidas na produção textual através da linguagem oral (não sabem escrever, mas sabem falar e na oralidade respeitam as estruturas gramaticais que servirão de base para a elaboração de parágrafos.

Numa outra publicação de referência para as séries iniciais do Ministério da Educação intitulada *Pró-Letramento*, temos algumas referências e reflexões sobre a produção de texto na alfabetização. No fascículo complementar escrito por Maria Beatriz Ferreira, da Universidade Federal de Ponta Grossa (UFGP) a autora afirma mais uma vez que é a partir do trabalho com textos que os alunos aprendem que leitura e escrita são caminhos de comunicação, de linguagem, de discurso. E que o professor deve pautar seu trabalho com os textos: “Quando o professor faz do texto o centro do seu trabalho com a língua oral e escrita desde a

alfabetização, os alunos produzem textos que se configuram, verdadeiramente, como práticas interlocutivas”. (2008, p. 34)

A autora aponta a necessidade de despertar no aluno o interesse pelo ato de escrever e de produzir textos. É muito interessante perceber o uso da palavra NECESSIDADE. Levar o aluno a perceber que a comunicação escrita é parte da necessidade da vida cotidiana, é tarefa pedagógica. Além disso, Ferreira também nos mostra a importância do aluno ser “o dono da palavra” e que essa ação pedagógica deve ser “iniciada na alfabetização”, pois mesmo sem o domínio do código convencional as crianças podem produzir textos escritos. É claro que a ação pedagógica deve ser mediada em todos os momentos pelo professor. Não existe uma aquisição espontânea da linguagem escrita visto que a mesma é produzida através do ato de reflexão.

Partindo da reflexão das teorias sobre aquisição de linguagem, alfabetização e letramento, passemos a ação pedagógica na produção de textos na alfabetização do CBNB. O Colégio Brigadeiro Newton Braga é uma instituição de ensino federal, ligado ao III Comando Aéreo Regional situado no Rio de Janeiro. Essa instituição de ensino iniciou suas atividades como Ginásio. Depois foi acrescentando as séries iniciais, à medida que se estruturava física e pedagogicamente. Embora tenha um período de existência relativamente pequeno, isso não se traduz nas suas produções. O 1º segmento do ensino fundamental no CBNB sempre se caracterizou por uma forte relação com a produção escrita. O foco do trabalho de língua portuguesa no primeiro segmento dos anos iniciais do Colégio Brigadeiro Newton Braga sempre foi a leitura e a escrita. Para isso foi escolhido como suporte pedagógico necessário para desenvolver essas competências o trabalho com textos! Mas um trabalho reflexivo e que incentivasse os alunos a serem os principais autores. Que eles colocassem seus interesses e que o produto seria um material escrito de circulação social na escola. Um material que ficaria disponível tanto na biblioteca da sala quanto na biblioteca do 1º segmento. Quando a classe de alfabetização (atual 1ª ano/série do ensino fundamental) foi criada em 2005, tal prática se manteve, sendo a produção de textos coletivos constante na rotina semanal. Esses textos são meio de comunicação de seus autores com o mundo escolar: os pais, as outras turmas, os outros profissionais. Nessas produções os alunos percebem *o que é a língua escrita, para que serve e como funciona*. Ao serem questionados sobre o que é um texto, os alunos o definem como:

É uma história.

Pode ser uma história ou um texto falando alguma coisa.

E pode ser uma escrita.

Pode ser uma folha com um monte de coisas escritas.

Ou seja, percebem a função social que a escrita tem, seja para se apresentarem às outras turmas, seja para divulgar o que aprenderam sobre um projeto discutido em sala, seja para mostrar uma pesquisa, etc. A prática é tão naturalizada que surge espontaneamente. Durante uma atividade de leitura de texto instrucional no livro de matemática adotado este ano, a turma ficou empolgada em confeccionar o jogo. Após o recolhimento e confecção de 4 jogos ainda sobraram materiais trazidos. Após perguntar o que faríamos com o material que tinha sobrado as crianças propuseram escrever uma carta para a Profª. Priscila (1º ano/manhã) e a colocássemos na caixa do correio da sala. Paramos nosso planejamento do dia para inserir mais uma produção de texto coletivo. Escrita a carta, colocada no correio, a turma aguardou a resposta que veio na semana seguinte. Esta simples atividade traz uma consciência para o aluno não apenas no aspecto cognitivo de aquisição da linguagem como de uma relação de letramento. Através da escrita os alunos da alfabetização avançam nas suas hipóteses e não só passam a decodificar e codificar sua língua materna, como também se tornam cidadãos letrados usando essa competência de escrita nas situações de vida. Nossos alunos entram em contato com todos os suportes de comunicação, embora privilegiem as narrativas. Gostam de ouvir e contar histórias porque vivem em um mundo ainda privilegiado da fantasia e já tiveram contato com as narrativas antes mesmo do ingresso no ambiente escolar. Muitos pais afirmam ler para os filhos desde muito pequenos. Ao entrar para a alfabetização, sua capacidade criativa volta-se naturalmente para as histórias narrativas. Como a alfabetização é o ano de iniciação escolar dos alunos no CBNB percebemos constantemente uma grande dicotomia: embora cheios de ideias, falta o preparo dos alunos para essa prática. Muitos nunca participaram de um texto coletivo. Como se o texto oral e narrado para um “escriba” não pudesse ser considerado como um verdadeiro texto. Por isso, como prioridade do primeiro segmento, os professores assumem o compromisso de construir autores, pequenos autores. Não importa o tamanho, mas a capacidade de produzir textos diversos: cartas, narrativas, textos informativos, etc. Sejam eles produzidos coletivamente ou individualmente. Se, enquanto profissionais temos esse compromisso e os alunos? O que pensam sobre isso? Eles recebem bem a proposta, pois reconhecem que o livro é uma culminância/produto de um trabalho que tem um

objetivo claro. É um projeto, um trabalho que tem um início, um meio e um fim. Sempre sugerem tais atividades: “Gostamos de fazer livros!”, “Professora, pode nos dar folhas? Vamos dividir ao meio e fazer um livro!”, ou “Você deveria colocar nossa foto atrás porque nos livros tem a foto do escritor atrás com muitas coisas escritas”. Daí o surgimento de vários gêneros textuais: narrativos, informativos, de poesias, de tudo o que a imaginação dos pequenos pode dar conta! E as produções são individuais, em duplas, em grupos e até coletivas. Cabe ao professor a ação pedagógica da mediação. No início, é tarefa do professor ser o escriba da turma, mas, à medida que os alunos avançam na escrita, tornam-se mais independentes e escrevem com mais autonomia.

Os livros produzidos são a extensão do trabalho da alfabetização com o texto. Os alunos são alfabetizados partindo dos textos e à eles retornam como autores. Histórias de princesas, monstros, de famílias, de bichos, do universo. Várias são as propostas, mas o que vale é o prazer. Como consequência, temos a grande culminância anual: a apresentação dos novos escritores. Sim, com direito a tarde de autógrafos! As famílias percebem, muitas vezes com grande espanto e orgulho, que aqueles autores mirins cresceram na percepção da língua escrita. Ao serem questionados sobre a prática da escrita na alfabetização e de quais foram os sentimentos ao presenciarem o “lançamento” do livro que o filho produziu, recebemos alguns comentários como:

Acho muito interessante porque estimula a imaginação da criança em criar histórias e assim praticar sua escrita. Fiquei muito feliz ver que meu filho foi capaz de criar uma história e apresentar um trabalho foi lindo.

Ajuda bastante a melhorar a escrita e leitura da criança. Fiquei muito orgulhosa no bom sentido da palavra.

Muito importante para o desenvolvimento dela. O sentimento muito bom vendo a evolução da mesma. Gostaria de enfatizar que a leitura e a escrita é muito importante para eles para o resto da vida.

Porém, o mais importante além da belíssima cerimônia é a ligação afetiva estabelecida entre a criança e o texto, o seu próprio texto. A escola é o lugar da polifonia por excelência: muitas vozes perseguindo uma mesma ideia. Fica então a principal mensagem: escrever é fazer uso legítimo da minha voz! Escrever é prazeroso!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOZZA, Sandra. *Escrita como representação de segunda ordem*. Disponível em: <<http://www.sandrabozza.com.br/?p=339>>. Acesso em: 12-07-2012.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem: fascículo complementar*. Brasília, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. 25. ed. atual. São Paulo: Cortez, 2000.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009.

NOVA Escola. O que é produção de texto. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/roteiro-didatico-producao-texto-1º-2º-anos-636206.shtml?page=1>>. Acesso em: 15-07-2012.

RIBEIRO, Luís Filipe. *O conceito de linguagem em Bakhtin*. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>>. Acesso em: 12-07-2012.